

AGACHE NO RIO DE JANEIRO NAS DÉCADAS DE 1920 E 1940. CONTRIBUIÇÕES PROFISSIONAIS E MANIFESTAÇÕES NA IMPRENSA LOCAL.

Milena Sampaio da Costa, Marlice Nazareth Soares Azevedo
Escola de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal Fluminense
sampaio_milena@yahoo.com.br; marliceazevedo@globo.com

RESUMO

O presente artigo propõe-se a resgatar os dois momentos em que Alfred Agache residiu no Rio de Janeiro, no final da década de 1920, quando elaborou o plano de remodelação da cidade, e, no início da década de 1940, quando realizou estudos para outras cidades brasileiras e associou-se ao escritório dos irmãos Coimbra Bueno no desenvolvimento de projetos para algumas cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, busca-se, em primeiro lugar, analisar o contexto histórico, político e social que resultou em pressões por parte da elite e dos políticos brasileiros para contratação de Agache para elaboração do plano de remodelação do Rio no final da década de 1920; e, em segundo lugar, nos dois momentos de sua permanência na cidade, refletir sobre suas contribuições profissionais para a ascensão do urbanismo e o reconhecimento das ações de planejamento urbano no Brasil.

Em relação ao primeiro momento, defende-se a ideia de que, num período de forte influência da cultura francesa na sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à nascente ciência do urbanismo, diversos fatores convergiram para a decisão de contratar o urbanista francês, tais como: as necessidades de melhoria urbana da cidade; a divulgação, no meio político, da expertise francesa em termos de urbanismo e a cogitação de nomes de profissionais europeus de reputação internacionalmente reconhecida pelos trabalhos desenvolvidos.

Em relação aos dois momentos, algumas curiosidades são reveladas na pesquisa historiográfica, como: local de trabalho, local de moradia, participação nos eventos da cidade e envolvimento nos debates profissionais de temas relacionados ao urbanismo no país. Muitos jornais e revistas da época expressam as repercussões dos trabalhos e entrevistas do urbanista, além da opinião pública e do cenário político e social carioca.

Dessa forma, além do caráter investigativo em resgatar os interesses na elaboração do plano e as motivações para contratação de Agache no final da década de 1920, pretende-se explorar a repercussão de seu trabalho na imprensa local e sua contribuição nos debates sobre urbanismo e na conscientização da sociedade sobre os temas relativos à cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Agache; Urbanismo no Rio de Janeiro; Imprensa carioca.

AGACHE IN RIO DE JANEIRO IN THE 1920'S AND 1940'S. PROFESSIONALS CONTRIBUTIONS AND EXPRESSIONS IN THE LOCAL PRESS.

ABSTRACT

This paper proposes to rescue the two times when Alfred Agache resided in Rio de Janeiro in the late 1920s, when He developed the city plan, and in the early 1940s, when he conducted studies to other brazilian cities and joined the office of the brothers Coimbra Bueno in developing projects for some cities in the state of Rio de Janeiro.

In this sense, the aim is, first, to analyze the historical, political and social context that resulted in pressure from the elite and Brazilian politicians to hire Agache for the preparation of the Rio remodeling plan at the end of the 1920s; and, secondly, in two moments of their stay in the city, reflect on their professional contributions to the rise of urbanism and recognition of urban planning actions in Brazil.

Regarding the first point, the article defends the idea that, in a strong influence period of french culture in brazilian society, especially about the nascent science of urbanism, several factors converged to the decision to contract the french urbanis, such as the urban improvement needs of the city; divulgation, in political environment, of the french expertise in terms of urban planning and the cogitation of european professional names with an internationally recognized reputation by the work performed.

For the two times, some facts are revealed in historical research, such as the workplace, place of residence, participation in the city events and involvement in professional discussions of issues related to urban development in the country. Many newspapers and magazines of this period expressed the impact of his work and his interviews, as well as the public opinion and the political and social context.

By the way, besides the investigative character in rescuing the interests in the development of the plan and the reasons for Agache agreement at the end of 1920, the article intends to explore the impact of their work in the local press and his contribution in the urbanism debate and in the society awareness on issues related to the city.

INTRODUÇÃO

Nas cidades brasileiras, a reforma urbana realiza-se em princípios do século XX, constituindo o ápice de um longo processo que começa a partir da metade do século XIX. Busca-se transformar a imagem das áreas urbanas, a fim de adaptá-las aos novos ideais modernos e higiênicos, decorrentes do avanço científico, de novas tecnologias e de novas ideologias. Com o advento das teorias modernas, muda-se a forma de estruturar, de pensar, de ver e de viver a cidade.

Nesse contexto, a cidade europeia sempre inspirou criações urbanas nas Américas, desde os primórdios da colonização, num processo que ganha nova dimensão quando coincidem a emergência do urbanismo como disciplina autônoma e o apogeu do imperialismo.

A partir das intervenções haussmannianas no século XIX, Paris é considerada, segundo muitos autores, um modelo de modernidade, primeiro por ser a primeira a passar por intensas reformas para adaptar-se às novas condições econômicas e sociais e, segundo, por ter construído um novo espaço urbano mais compatível com os novos tempos e com a nova sociedade burguesa. Mais do que um modelo, é referência do tipo de conhecimento técnico que estava se desenvolvendo naquele momento e um laboratório de experiências.

No Brasil, integrantes da elite intelectual, engenheiros e arquitetos situavam-se na órbita da cultura francesa, que moldava suas visões de mundo e suas abordagens profissionais (Pinheiro, 2002). O ensino era, majoritariamente, baseado no modelo francês, assim como a bibliografia técnica disponível. As visitas à Paris também ajudavam a formar e a atualizar o repertório técnico desses profissionais. E se técnicos brasileiros recorriam a Paris em busca de formação e de referências, os técnicos franceses encontravam aqui possibilidades de atuação profissional e de experimentação de suas ideias, além de reconhecimento oficial, participando de experiências importantes na história do urbanismo brasileiro.

Apesar da indiscutível influência parisiense na reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro no início do século XX, o predomínio da cultura francesa sobre a cidade remonta a princípios do século XIX, com a chegada da Missão Francesa e de Grandjean de Montigny. No entanto, é a partir das obras realizadas na administração de Pereira Passos (1902-1906) que se começa a debater uma nova forma de ver a cidade através do nascimento de uma nova disciplina, o urbanismo. Diferente dos projetos realizados até então, os projetos na década de 1920 trazem uma mudança de postura que exige uma nova metodologia para intervir na cidade; esta, por sua vez, deixa de ser pensada somente em seu aspecto estético e espacial e passa a incluir também uma leitura social e moral.

A necessidade de um plano geral de melhoramentos para a cidade já havia sido apontada por políticos, técnicos e interessados no assunto há alguns anos. Em 1922, por exemplo, o adido comercial do Brasil na França, Francisco Guimarães, inteirado dos debates na América do Sul e na Europa sobre a nova ciência do urbanismo, escreve ao prefeito Carlos Sampaio lembrando a ideia de criação de um congresso internacional, reunido por ocasião das comemorações do centenário da independência, que deveria estabelecer um plano de melhoramentos e extensão da cidade. Na ocasião, oferece-se para obter o apoio de grandes urbanistas franceses, dentre eles Agache; e completa, ressaltando que “nossa Capital será na América o que Paris é na Europa, o centro de atracção do turismo internacional”¹.

O apelo turístico do Rio e sua divulgação internacional chamavam a atenção para a necessidade de melhoria urbana e embelezamento. Ressalta-se que, nesse momento, outra cidade na América do Sul que atraía grande quantidade de turistas era Buenos Aires, que, por sua vez, já havia empreendido um plano de estética².

Acredita-se, portanto, que entre a pressão política, a urgência em resolver os problemas de infraestrutura da cidade e de provê-la de melhores condições estéticas, dando continuidade às obras das administrações anteriores, mas considerando os preceitos técnicos da nova ciência do urbanismo, o prestígio da cultura francesa no país e o reconhecimento de sua expertise em termos de urbanismo, o prefeito Antônio Prado Júnior (1926-1930) resolve convidar o urbanista francês Donat-Alfred Agache para visitar o Rio de Janeiro e realizar, em janeiro de 1927, uma série de conferências sobre urbanismo, buscando “despertar o interesse geral pela organização de um plano methodico de remodelação racional da cidade”³, com vistas à sua futura elaboração.

Agache havia sido recentemente premiado no concurso internacional para elaboração do plano monumental da futura cidade australiana de Yass Camberra. Sua experiência profissional era reconhecida na França e no mundo. Logo, no Brasil, o sucesso de suas conferências chamou para o tema a atenção da opinião pública e de alguns administradores estaduais, o que lhe rendeu, inclusive, o convite oficial dos respectivos governos para visitar Belo Horizonte e Recife.

Apesar de uma corrente de pensamento contrária à contratação de Agache, que considerava o urbanismo como um assunto técnico a ser tratado no âmbito da administração pública, compartilhada por vários segmentos, como o Instituto

1 Notícias Rotárias nº 49, de 26/11/1926.

2 Martín Noel, que se gradua em Paris, em 1913, e funda, junto com Carlos Maria della Paolera, as primeiras cátedras de urbanismo nas escolas de arquitetura de Rosário e Buenos Aires. Em 1923, Martín Noel faz parte da Comissão de Estética e Edilícia com a assessoria do urbanista francês Jean Claude Nicolas Forestier. Em 1938, Noel apresenta seu projeto de lei de urbanismo, anexando sua experiência francesa e seu próprio trabalho no Plan de Estética Edilícia, que desenvolve em Buenos Aires de 1923 a 1928.

3 Mensagem nº 617 do Distrito Federal, em 30 de agosto de 1927. Anuário da cidade do Rio de Janeiro.

de Arquitetos do Brasil, que não apoiavam a contratação de um estrangeiro, o Rotary Club, por exemplo, influente nas decisões da cidade, manifestou adesão à contratação do urbanista⁴.

Em meio a toda essa polêmica, Agache é contratado, instala-se no Rio de Janeiro e inicia seus trabalhos com a montagem de um escritório no primeiro andar do Teatro Municipal⁵. O desenvolvimento do plano aguça a curiosidade da população e constantemente o urbanista é convidado pela imprensa local a manifestar-se sobre o andamento dos trabalhos ou a se expressar sobre algum tema relacionado ao urbanismo.

Agache, portanto, adquire uma considerável reputação no Brasil, e após concluir e apresentar, em 1930, o Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da cidade do Rio de Janeiro (Figura 1), outras cidades brasileiras lhe são confiadas, como São Paulo, para onde lhe é solicitado um estudo das aglomerações satélites; Recife, para uma consulta e montagem de um programa de trabalho; Porto Alegre, para desenvolvimento dos planos dos jardins públicos; Curitiba, para elaboração de um grande plano para a cidade⁶.

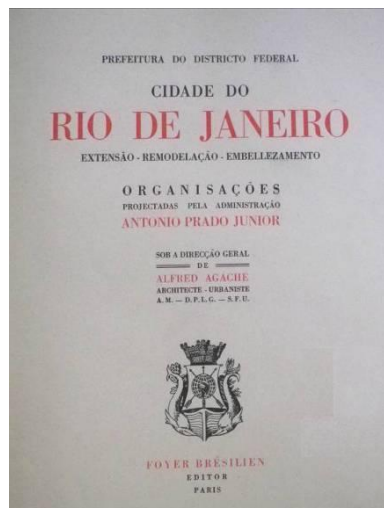


Figura 01: Contra-capa do Plano de Extensão, Remodelação, Embelezamento da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Cidade do Rio de Janeiro, Extensão, Remodelação e Embelezamento, 1930.

Assim, em parte pelo início da 2ª Guerra Mundial e os conflitos na Europa, em parte pelas oportunidades profissionais que aqui encontrou, Agache retorna à cidade do Rio de Janeiro no final da década de 1930, onde reside durante os primeiros anos da década de 1940.

No Brasil, nesse momento, o regime político é o Estado Novo (1937-1945), caracterizado pela forte centralização política e administrativa e pela ação dos interventores estaduais, nomeados pelo poder central. Nesse contexto, são criados vários órgãos públicos com funções de compilação de dados, regulação, coordenação, controle e supervisão, alguns incumbidos de levantar dados necessários ao conhecimento da realidade nacional, tendo o município como unidade de levantamento.

No estado do Rio de Janeiro, a política urbanizadora dirige-se para o desenvolvimento das cidades interioranas com potencial turístico ou industrial e para a modernização do centro urbano da capital. O lançamento de um plano de urbanização de algumas cidades do estado (Figura 2), na prática, divide o território estadual em duas áreas de planejamento sob a responsabilidade de escritórios distintos, um deles o dos irmãos Coimbra Bueno, com quem Agache associa-se para o desenvolvimento dos planos de Araruama, Cabo Frio e São João da Barra, incluindo a estação balneária de Atafona. (Azevedo et al, 2014)

4 Notícias Rotárias nº 80, de 09/03/1928.

5 O Paiz, 09/12/1928.

6 Em 1942, Agache profere uma conferência na Universidade do Paraná e, em seguida, as plantas explicativas que compõem o plano são apresentadas ao público na ocasião da Grande Exposição de Abril de Curitiba. (Tucoulet, 2000)



Figura 2: Decreto-Lei nº 125/1940, D.O de 04 de agosto de 1940.

Fonte: Acervo da Nova Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro.

O interesse do presente artigo é, portanto, primeiro, voltar o olhar ao período que antecede a contratação de Agache por Prado Junior, buscando compreender as motivações e interesses na elaboração de um plano para a totalidade da cidade e a escolha de um profissional estrangeiro para tal realização; segundo, refletir sobre suas contribuições profissionais para a introdução do urbanismo no país, investigando, através de jornais e revistas da época, sobre suas permanências na cidade em dois momentos, no final da década de 1920, quando desenvolve o plano de remodelação, e no início da década de 1940, quando assume outros compromissos profissionais. Neste caso, compilar informações que retratem um pouco de sua vida no Rio, as repercussões de seus trabalhos na imprensa, suas manifestações e a opinião pública dentro do cenário político e social carioca da época.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS À CONTRATAÇÃO DE ALFRED AGACHE E A ELABORAÇÃO DO PLANO DE REMODELAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Apesar da indiscutível influência parisiense na Reforma Passos, não se pode esquecer que o predomínio da cultura francesa sobre o Rio de Janeiro remonta a princípios do século XIX. Desde a chegada da Missão Francesa e de Grandjean de Montigny, encontra-se sinais dessa influência.

Pereira (1995) afirma que Rio e Paris se unem mais a partir de 1870, quando as exposições internacionais divulgam as técnicas e a cultura moderna. O Rio, em crise com seu passado colonial, busca na Europa o exemplo de embelezamento. A admiração por Paris, então, está presente no espírito da época, pois ali se encontra um modelo de civilização. Esse “modelo” tem como suporte ideológico o discurso da modernização, contrapondo-se ao “atraso” da sociedade e da cidade do Rio.

Após as obras de Pereira Passos, no Brasil e no mundo, desde a década de 1910, começa a se debater uma nova forma de ver a cidade através do nascimento de uma nova disciplina, o urbanismo. Diferente da Reforma Passos, feita sem um projeto geral para a cidade, sem “urbanistas”, baseada especialmente na higiene e na ciência positivista, os projetos realizados na década de 1920 trazem uma mudança de postura que exige uma nova metodologia para intervir na cidade, que deixa de ser pensada só em seu aspecto estético e espacial, para comportar também uma leitura social e moral. “Assim se começa a pensar a cidade como organismo, como um todo que precisa ser estudado globalmente por homens capacitados pela técnica e legitimados pela racionalidade da ciência”. (Stuckenbruck, 1996, p. 22 In Pinheiro, 2002, p. 160-161)

Entre as realizações da década de 1920, o desmonte do Morro do Castelo, realizado por Carlos Sampaio, à frente da Prefeitura do Rio (1920-1922), constitui um marco. Durante esse período, são realizados projetos para a cidade⁷ que apesar de não se realizarem podem indicar o início de uma preocupação com a racionalidade e o planejamento da ordenação urbana. Constrói-se, também, um novo cais na parte sul do centro, entre a Ponta do Calabouço e a Glória; é complementada a Av. Beira-Mar, aberta por Pereira Passos, com o contorno do Morro da Viúva, entre Flamengo e Botafogo; dá-se o embelezamento e saneamento da Lagoa Rodrigo de Freitas; reconstrói-se a Avenida Atlântica em Copacabana; e abre-se a Av. Maracanã, na Tijuca.

Em seguida, Alaor Prata governa o Rio de Janeiro entre 1922 e 1926 e cria comissões que propiciam discussões entre arquitetos e engenheiros, divulgando a percepção da cidade como um organismo onde as partes devem articular-se para formar um todo. As comissões são as responsáveis pela formação do corpo de profissionais da cidade. Já anunciada a necessidade de um plano geral de melhoramentos, seu sucessor, Antônio Prado Júnior (1926-1930), contrata o arquiteto e urbanista francês Donat Alfred Agache.

A iniciativa de Prado Júnior para que o Rio de Janeiro tivesse um Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento, surge em um almoço oferecido pelo Rotary Club do Rio de Janeiro, onde é ventilada a vinda de um urbanista estrangeiro para elaborar um plano de remodelação da cidade. Aceita a ideia, Prado Junior escreve a um amigo em Paris, “convidando um renomado urbanista francês, que, não podendo vir, indica o nome de Agache, cujas exposições, conceitos e trabalhos

⁷ Projetos de autoria de: Costa Moreira, Adamky, Engenheiros Eugênio L. Franco e Augusto F. Ramos, Cortez e Bhruns.

sobre o assunto lhe aportavam merecida fama" (Sobral, 2008). Na mensagem nº 617, de 30 de agosto de 1927, dirigida ao Conselho Municipal, Prado Junior diz:

*Senhores Membros do Conselho Municipal do Distrito Federal,
Na minha Mensagem de 1º de junho último, tive ocasião de expor os motivos que me levaram a convidar o célebre especialista Sr. Alfred Agache para vir ao Rio de Janeiro fazer algumas conferências sobre o urbanismo, procurando, deste modo, despertar o interesse geral pela organização de um plano metódico de remodelação racional da Cidade.
A palavra autorizada do Sr. Agache logrou o almejado intento, conseguindo chamar, para o assunto, não só a atenção da opinião pública da Capital, como, também, a de alguns administradores estaduais. Assim, a convite oficial dos respectivos, o Sr. Agache visitou Belo Horizonte e Recife.
Julgo escusado encarecer a necessidade urgente da organização do Plano de remodelação do Rio de Janeiro, segundo os princípios desta ciência moderna que é o urbanismo.
Condicionando a solução dos problemas essenciais à vida dos grandes centros, problemas de higiene, de estética, de transporte, de circulação, etc., o plano de remodelação da Cidade não pode ser feito sem cuidados prévios, de natureza técnica e que demandam tempo. Justamente para subvencionar estes estudos e adquirir, depois, o resultado, - o plano definitivo de remodelação do Rio, - é que venho soclicitar-vos autorização para abris os necessários créditos.
Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1927 – 39º Ano da república – Assinado Antonio Prado Junior (Sobral: 2008, p.12)*

Prado Junior, para subsidiar o desenvolvimento do Plano Agache contrata, por concorrência pública, uma firma especializada para realizar os serviços de levantamento aerofotogramétrico do Distrito Federal, abrangendo o cadastro predial da área urbana, atualizando a carta cadastral de 1893, cuja Comissão foi organizada pelo então Prefeito Barata Ribeiro e chefiada pelo engenheiro Pereira Reis. O resultado da concorrência pública em 1927 adjudicou os serviços à firma Air-Craft Corporation, que os entregou parcialmente, a partir de 1930. Dessa época em diante, o Serviço de Topografia da Prefeitura procurou manter mais ou menos atualizada a parte cadastrada e ampliar para zonas novas os levantamentos aerofotogramétricos feitos com firmas nacionais (Sobral, 2008).

Apesar da Revolução de 1930 ter o propósito de revogar tudo que tivesse origem nos governos chamados da "Velha República", passados alguns anos, o Plano Agache é aceito pelo Prefeito-Interventor Adolfo Bergamini, que nomeia a Comissão do Plano da Cidade, composta por uma seleção de renomados profissionais, para analisar e dar continuidade ao Plano. Entretanto, essa Comissão é dissolvida e o Plano Agache revogado logo a seguir, na administração de Pedro Ernesto, sob o pretexto que "nem em 50 anos ele seria exequível".

A PRESENÇA DE AGACHE NO RIO DE JANEIRO E AS NOTÍCIAS RELATADAS PELA IMPRENSA

A imprensa, nos dois momentos de permanência de Agache na cidade, muito noticiou a respeito do trabalho e da vida do urbanista. Sendo assim, na presente pesquisa, considerou-se oportuno realizar um levantamento dos jornais e revistas da época, de modo a captar as manifestações da opinião pública e o cenário político e social carioca. Esses periódicos foram encontrados em levantamentos feitos nos acervos da Biblioteca Nacional, do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, do Clube de Engenharia e do Rotary Club do Brasil.

A necessidade de um plano de remodelação já era comentada nos bastidores políticos e ecoava na opinião pública havia algumas décadas. Políticos e intelectuais influentes reclamavam, nesse momento, a falta de um plano que se voltasse para a totalidade da cidade. O Rotary Club, por exemplo, influente nas decisões sobre a cidade, dedicava algumas de suas reuniões a debater o assunto.

Conforme se observa no jornal Notícias Rotárias nº 49, de 26 de novembro de 1926, há uma sessão intitulada "Sobre o remodelamento do Rio de Janeiro" (Figura 3), na qual faz-se referência à edição de 03 de março de 1902, quando o então prefeito interino dedica a seguinte mensagem ao Conselho Municipal: "A nossa Capital, em grande parte de construção antiga, e que não tem ainda sido systematicamente sujeita a um trabalho de reforma geral e completa, dependente de um plano de melhoramento necessario, carece de modificação em relação às suas condições hygienicas, superiores, entretanto, às de muitas outras Capitaes (...)". Nesse sentido, é redigido e apresentado ao Conselho o projeto de lei: "Art. 1º - Fica o Prefeito autorizado a abrir concurso pelo espaço de seis mezes no mínimo, para o recebimento de planos de embellezamento do Districto Federal. (...)". Infelizmente, o projeto de lei não é aprovado, mas, no entanto, demonstra o envolvimento do Rotary Club nas questões de utilidade geral da cidade.



Figura 3: Jornal Notícias Rotárias, de 26 de novembro de 1926, com a sessão intitulada “Sobre o remodelamento do Rio de Janeiro”.
Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Nessa mesma edição, chama a atenção o discurso do Sr. Francisco Guimarães, adido comercial do Brasil na França, em que fala dos trinta anos que fez campanha pela imprensa sobre o Plano de Melhoramentos do Rio de Janeiro. Apesar de não ser urbanista, Guimarães já havia morado na Argentina e na França e estava inteirado dos debates, na América do Sul e na Europa, sobre a nova ciência do urbanismo. Assim, escreve ao Prefeito Sá Freire Alvim pelo Jornal Comércio, em 1919, uma carta que diz: “É preciso não esquecermos que o Rio de Janeiro, mesmo realizada a mudança da Capital para o Planalto, será nesta parte do continente e ainda neste século o que Nova York é na outra, uma cidade de quatro a cinco milhões de habitantes”. E relembra a ideia de um Congresso Internacional que reunir-se-ia em 1922, por ocasião do Centenário, “destinado a preservar e augmentar as bellezas urbanas, estabelecendo um plano de melhoramentos e extensão da cidade”. Na ocasião, escreve, desde Paris, para o Prefeito Carlos Sampaio, oferecendo-se para “obter o apoio dos grandes urbanistas francezes, entre os quaes Greber, Tony-Garnier e o mestre Agache, premiado em concurso internacional da Austrália pelo seu plano monumental para a futura cidade Yass Cambera, Capital desse Domínio”. Guimarães questiona porque a consequência dos trabalhos da Planta Cadastral, desenvolvidos por Pereira Passos e paralisados depois de seu mandato, não foi a abertura de um concurso internacional para o plano de melhoramentos. Assim, diz: “O Rio é também um patrimônio universal. E a sua carreira gloriosa de maravilha do mundo começa apenas agora com o Centenario. Se soubermos conservar e respeitar as suas bellezas naturaes, nossa Capital será na America o que Pariz é na Europa, o centro de atracção do turismo internacional”.

Em 1925, interado das discussões em voga nesse momento, e sabendo que muitas cidades estavam apresentando seus planos gerais de melhoramentos e extensão⁸, Guimarães relata ao Prefeito Alaor Prata o que se passara no Congresso Internacional de L’Union des Villes, em Paris, sobre os perigos da lotisação ou fragmentação dos espaços livres, alegando que o problema não é menos difícil no Rio de Janeiro e nos seus subúrbios. Defende que “para isso bastaria que se tivesse estudado e assentado com tempo um plano geral de melhoramentos e de extensão da cidade, plano de larga visão (...)” e que fossem ouvidos “não só os nossos technicos, mas também os especialistas estrangeiros (...)”. Guimarães faz referência ao Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris como grande centro formador de urbanistas e, no referido discurso, diz fazer votos que os jovens engenheiros e arquitetos brasileiros se interessem em buscar ali aperfeiçoamento profissional. Guimarães manifesta sua grande expectativa que o novo Prefeito Prado Junior viabilize o plano de melhoramentos. (Notícias Rotárias nº 49, 26/11/1926)

As correspondências do Sr. Francisco Guimarães ilustram o cenário internacional e político brasileiro da época e demonstram as discussões e pressões para o desenvolvimento de um plano que tratasse as condições urbanas do Rio dentro dos critérios da nova ciência do urbanismo. Destaca-se que, já nesse momento, haviam sido cogitados nomes de profissionais franceses para o desenvolvimento do plano e já havia sido mencionado o Instituto de Urbanismo de Paris, como grande centro formador de urbanistas.

Assim, em meio à discussão, promovida por profissionais e entidades de classe, sobre a contratação de um profissional estrangeiro, Agache é contratado e sua qualificação é destacada pela imprensa e defendida por políticos e agremiações locais. Na edição de 10 de novembro de 1928, a revista O Cruzeiro diz que “é assumpto de discussão a necessidade inadiável de submeter-se a um plano de conjunto o desenvolvimento vertiginoso da cidade”; e defende também a qualificação de Agache para o feito: “(...) os vastos e laboriosos planos a que presidem a proficiência e a experiência consagrada do insigne urbanista francez, serão dados a conhecer em todas as suas particularidades, a fim de que sobre elles se exerça a analyse dos competentes”, e, ainda, “a incorporação de ideias e suggestões alheas no vasto plano de modo algum diminuirá o mérito do seu supremo delineador”, expondo o entendimento de que no projeto trabalhariam várias gerações de arquitetos “para realizar e aperfeiçoar a obra ingente que o professor Agache, criador e remodelador de cidades, está delineando”.

8 O plano geral de melhoramento e extensão da capital da Servia, adotado provisoriamente, foi apresentado na Exposição de Artes Decorativas, e o plano geral de Milão, de Cesare Chiodi, estava em estudo, por exemplo.

Na edição de Notícias Rotárias nº 80, de 09 de março de 1928, verifica-se que Prado Júnior, ao contratar Alfred Agache, envia ofício ao Presidente do Rotary Club, acusando recebimento de seu ofício, com a congratulação e apoio dos rotarianos; e comunicando suas ideias sobre a elaboração do plano de remodelação. No ofício enviado pelo Club, é solicitado que trabalhem, ao lado do urbanista francês, alguns urbanistas nacionais de renome, tendo como resposta de Prado Júnior:

(...) quando pensei em contractar, com um especialista celebre e de trabalhos comprovados, a organização de um plano regulador de melhoramentos, embellezamentos e extensão da nossa Capital, pensei, também, na indispensável collaboração dos nossos homens versados no assumpto. Assim é que tenciono, em tempo opportuno, formar uma grande comissão composta de brasileiros reconhecidamente notáveis nos diversos ramos technicos concernentes ao plano em questão. Esta comissão, onde figurarão engenheiros, architectos, hygienistas, jurisconsultos, esthetas, representantes do Ministerio da Viação, do Ministerio da Justiça, do Club de Engenharia, dessa Associação, etc., terá como tarefa dizer a respeito do delineamento geral e esboços parciaes do plano regulador da cidade, incluindo o projecto referente aos terrenos do Morro do Castello e zona conquistada pelo aterro provindo desse morro. (Notícias Rotárias nº80, de 09/03/1928)

Havia boatos de que a Prefeitura havia contratado também outros profissionais franceses para auxiliá-lo. Nessa mesma edição do jornal, o Prefeito Prado Junior esclarece que “este urbanista vae trazer apenas dois ou tres ajudantes de sua inteira confiança, e isto por conta própria; devendo tomar aqui o resto do pessoal necessário. A Prefeitura nada tem com os empregados do Sr. Agache – especialistas ou não. Nem tão pouco com a despeza de material e de instalação, pois todos os gastos, pelo contracto, correm sob a responsabilidade do urbanista contractante”. (Notícias Rotárias nº80, de 09/03/1928)

De modo geral, no primeiro momento da permanência de Agache no Rio, tiveram destaque na imprensa as notícias a respeito do desenvolvimento do plano de remodelação. Agache foi entrevistado algumas vezes em seu atelier (Figura 4), localizado no primeiro andar do Teatro Municipal, na Cinelândia (O Paiz, 07/11/1928). É provável que ele tenha se instalado ali por dois anos, entre 1928 e 1929, quando então retornou à Paris, onde concluiu o plano⁹.



Figura 4: No atelier, Agache em companhia de seus principais colaboradores. Jornal O Paiz, de 07 de novembro de 1928. Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Na edição de 11 de novembro de 1928, o Paiz noticia a visita do Presidente da República Washington Luis, em companhia do Prefeito Prado Junior e de sua comitiva, ao atelier de Agache (Figura 5), de modo a tomar conhecimento do plano que se estava desenvolvendo. Na ocasião, o urbanista explana sobre a evolução urbana da cidade, resultado de suas pesquisas, antes de apresentar o esboço geral de suas proposições para a remodelação da capital. Agache aponta os problemas, que segundo ele, deveriam ser resolvidos nas grandes cidades, e diz que está estudando em detalhes cada um deles. “Pode-se, no entanto, ter a certeza que todos esses estudos de detalhe serão bordados sobre uma mesma tela, de modo que as soluções, depois de achadas, se coordenem sempre e formem, no futuro, um todo homogêneo”. (O Paiz, 11/11/1928)

Na ocasião, o plano é explicado em maior detalhe e são apresentados os anteprojetos que estão prontos, com destaque para os projetos que compõem a remodelação do Castelo, Calabouço e Saco da Glória. Ao bairro do Castelo, ligar-se-ia o bairro do Calabouço, onde haveria um platô, segundo Agache apropriado à um Pantheon ou uma Basílica, e margeando a baía uma série de jardins. “Todo esse conjunto tendo sido, desde logo, aceito pelo Sr. Prefeito – o seu arruamento e seus jardins já estão em via de execução”. O ponto culminante do projeto é a “Entrada do Brasil”, situada no Saco da Glória, que desempenha um papel decorativo: “porta de entrada à cidade e ao país pela Baía de Guanabara, palco de realização

⁹ Esse fato pode ser confirmado na reportagem de O Paiz de 09 de dezembro de 1928, quando o jornal diz que “o ilustre arquiteto estava de partida”.

das grandes paradas, e onde se localizam três grandes palácios: o de Belas Artes, o das Indústrias e o grande auditório". (O Paiz, 11/11/1928)

Já em outra escala, de forma mais ampla, também são apresentados os estudos para solucionar o problema das inundações e um projeto para os transportes metropolitanos. Agache também expõe suas ideias para a legislação da "planta da cidade", insistindo na necessidade de uma regulamentação por zonas para as construções, conforme já existia nos Estados Unidos.

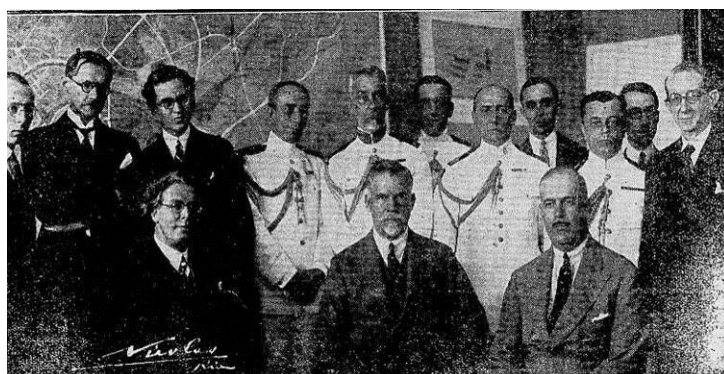
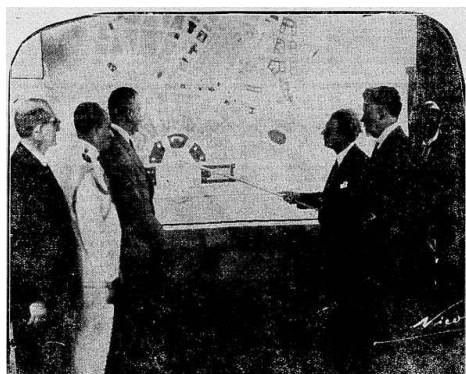


Figura 5: Visita do Presidente da República ao atelier de Agache no Rio de Janeiro. Na segunda figura, da esquerda para a direita, Agache, o Presidente Washington Luis e o Prefeito Prado Júnior; atrás, os membros da Comitativa Oficial. Jornal O Paiz, de 11 de novembro de 1928.

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Depois da visita, o Presidente da República percorre "os trabalhos que se estão executando no Castello e no Calabouço, desejando ver, in loco, o estado das obras e, principalmente, verificar o modo pelo qual os planos do urbanista francez estão sendo aplicados". Ao final da reunião, o Presidente com palavras de aplausos diz: "Deixe-me exprimir-lhe a satisfação que acabo de receber, depois de examinar minuciosamente o conjunto de seus planos de remodelação da cidade". (O Paiz, 11/11/1928)

Importante ressaltar que algumas obras cujos projetos provinham do plano de remodelação já estavam em execução e que o Presidente manifestou total adesão ao conteúdo do que lhe foi apresentado por Agache.

Observa-se que, em todas as matérias do jornal o Paiz, Agache é retratado como uma pessoa bem humorada e alegre, com uma "desordenada cabeleira grisalha": "O urbanista francez, logo ao primeiro encontro, patenteia uma dominante de seu temperamento: a alegria. O Sr. Agache é alegre, gosta de ser alegre e faz questão que o saibam um homem para o qual a alegria existe. Rubido, com a desordenada cabeleira grisalhante, os movimentos lesto, o architecto illustre dá antes uma impressão de mocidade jubilosa". (O Paiz, 28/10/1928)

No entanto, também recaem sobre o urbanista muitas opiniões desencontradas que levantam extremadas polêmicas. "Agache, no entanto, não dá ouvidos". Diz que muita coisa é escrita por pessoas leigas ao assunto Urbanismo e que desconhecem por completo seu trabalho ou que criticam sua obra pela simples defesa de interesses puramente pessoais. Diz também que sua função aqui é representar o interesse geral e a coletividade, que deve lutar a favor da higiene e do conforto, e que segue com o plano, inspirando-se nos Regulamentos de Obras e Viação existentes, os quais diz ter apenas um defeito: "os de não terem nunca sido aplicados". (O Paiz, 07/11/1928)

Sobre o desenvolvimento do plano, muitos o acusam de uma posta arbitrária, reclamam da falta de satisfação à população. "Diz-se que o senhor manda e desmanda nesta terra (...). Há quem o tenha como um Sansão: capaz de derrubar as columnas do nosso templo carioca. E outros affirmam que se não deixa pegar pela juba, embora esteja pelos cabellos para concluir sua empolgante tarefa". Sobre o assunto, trata com ironia: "devo fazer passar pelo meu escritório, como numa fita cinematographica, um milhão de pessoas (toda a população adulta do Rio), para obter a opinião de cada um? Nesse caso, concedendo cinco minutos de prosa a cada pessoa, o que é quase insufficiente para dar-lhes uma vaga idéa dos projectos, e suppondo que o Studio fique aberto para isso todos os dias (...), a recepção deveria durar cerca de trinta anos...". (O Paiz, 07/11/1928)

Um tema polêmico em que Agache se envolve é a acusação de plágio do projeto dos Srs. Cortez e Bruhns para a remodelação do Rio, compreendendo toda a enseada da Glória e a esplanada do Castelo. Em 24 de novembro de 1928, a Revista da Semana publica um artigo com a acusação, informando que o projeto plagiado de 1921 foi publicado no mesmo ano na própria Revista da Semana e exposto, em 1923, tendo sido visitado pelo então prefeito Alaor Prata. É também publicado, em O Paiz de 4 de setembro de 1927 e exposto em agosto do mesmo ano no "Salon" da Exposição Nacional de Bellas Artes, tendo sido visitado "pelo illustre urbanista, em companhia dos Srs. Correia Lima, Gastão Bahiana, E. Visconti e outros"¹⁰. (O Paiz, 09/12/1928)

¹⁰ A informação acima nos permite ventilar a possibilidade de que Correia Lima trabalhou diretamente com Agache ou que teve algum tipo de estreitamento profissional com o mesmo.

Na tréplica (Figura 6), também apresentada em O Paiz, de 09 de dezembro de 1928, Agache expõe sua resposta em tópicos, sendo, primeiro, que a ideia de uma praça monumental a beira-mar já havia sido apresentada em diferentes projetos antes que os Srs. Cortez e Bruhns a fizessem figurar em seu próprio projeto; segundo, que os local escolhido pelos colegas não corresponde ao local escolhido por ele, “a praça Agache desenvolve-se na intersecção de duas avenidas, ao passo que a praça Cortez desenvolve-se na intersecção de três avenidas, indo a do meio cegamente de encontro ao morro, o que, a meu ver, é um grande erro”; terceiro, que o projeto Cortez não conta com as possibilidades financeiras; quarto, que no referido projeto não houve preocupação com a ligação com um plano geral, que, segundo Agache, corresponde a parte difícil e indispensável ao estudo.

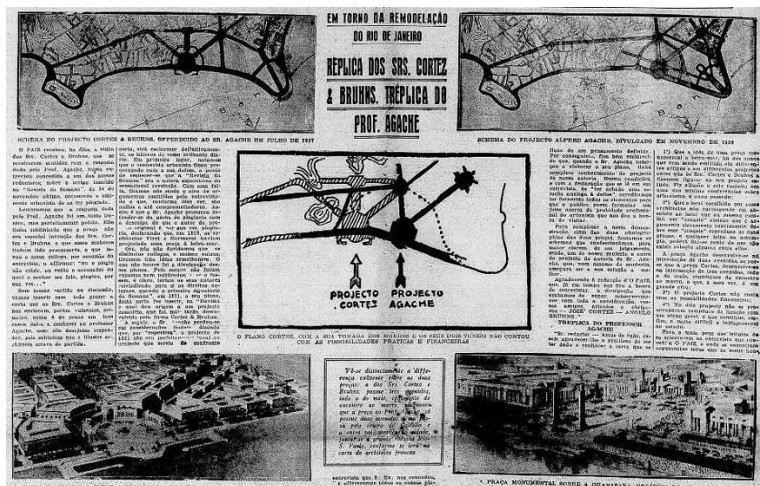


Figura 6: Sobre o plágio, réplica dos Srs Cortez & Bruhns e tréplica de Agache. O Paiz, de 09 de dezembro de 1928.
Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

A Revista da Semana também publica, em 24 de novembro de 1928, uma matéria intitulada “O plagio no urbanismo do Sr. Agache”, afirmando que nos pontos principais o projeto de Agache para a remodelação do Rio não passa de uma adaptação do projeto idealizado pelos arquitetos brasileiros Cortez & Bruhns, publicado nesta revista na edição de 16 de abril de 1921. Na ocasião, é promovida uma enquete denominada “O que falta ao Rio para ser a primeira cidade da América do Sul”, e são publicadas diversas sugestões de projetos, com destaque para a sugestão dos referidos arquitetos. A reportagem cobra de Agache a devida menção ao nome de Cortez & Bruhns.

É inegável que o desenvolvimento do plano de remodelação despertou a curiosidade da população carioca para os temas relativos ao urbanismo. Agache, inclusive, é constantemente convocado a dar entrevistas para, além de falar sobre o plano, opinar sobre questões urbanas gerais e específicas da cidade. Muitas soluções técnicas apresentadas por Agache para os problemas de saneamento também são publicadas nos jornais da época, com o objetivo de informar a população e fomentar o seu debate. Na edição de 28 de julho de 1929 do Correio da Manhã, discute-se a abertura da Avenida Independência, cujo projeto, inserido no plano Agache, prolongaria o Canal do Mangue até a Praia da Glória, ligando uma ponta à outra da Bahia de Guanabara, com o objetivo de dar solução ao problema de escoamento de águas pluviais. Nesse caso, questiona-se a exequibilidade da proposta grandiosa, indagando se não seria “mais de um sonho de tecnico”.

Já na edição de 09 de outubro de 1928, O Paiz entrevista Agache para que opine sobre a conveniência ou não dos arranha-céus na cidade. Sobre o assunto, defende que a questão não deva ser “to be or not to be”, como lhe era colocado. Diz que não é inimigo dos arranha-céus, “desde que sejam bem construídos e colocados no bairro que lhes compete”, e, como exemplo, diz que reservou para os terrenos do Castelo um certo número deles, “com a intenção de produzir um conjunto decorativo”.

No segundo momento de sua permanência no Rio, Agache se instala com sua esposa “no último andar de um hotel central, onde ele ocupa um apartamento, magnificamente situado, com um terraço que proporciona o mais variado panorama urbano que poderíamos desejar” (Jornal Dom Casmurro, de 05/06/1943). Na entrevista noticiada nessa edição, Agache dá detalhes da localização de sua residência ao repórter: “- Como vê o meu amigo, eu estou aqui no meu elemento, no coração da cidade. A Biblioteca defronte, o Teatro Municipal, os concertos do Instituto de Música, as conferências da A.B.I., as exposições da Escola de Belas Artes, os teatros, os cinemas... tudo o mais, ao alcance da minha mão... E em supervisão, - coisa muito importante para um urbanista! - além do campo de aviação e da baía, o litoral de Niterói, com a silhueta das montanhas em fundo. Si eu olho à direita, tenho o Pão de Açúcar... À esquerda tenho as montanhas de Terezópolis, com o Dedo de Deus... E em planos mais próximos, uma grande parte da cidade, com seus arranha-céus, e as silhuetas de seus monumentos, como a cúpula da Candelária, a torre-minarete da estação Pedro II, o convento de S. Francisco...”.

Ali desenvolve projetos em parceria com o escritório dos irmãos Coimbra Bueno para algumas cidades do estado do Rio de Janeiro, como Petrópolis, Campos, Atafona, Araruama e Cabo Frio.

Conforme noticiado no Correio da Manhã, de 13 de agosto de 1942, esses e outros projetos são apresentados numa exposição organizada no Museu Nacional de Belas Artes, com pranchas, fotografias e maquetes relativas às cidades de

Niterói, Petrópolis, Campos, Cabo Frio, Araruama, Atafona, Barra do Piraí, Maricá, Nova Iguaçu e Magé¹¹ (Figuras 7 e 8), destacando o Estado do Rio como “a unidade federativa que mais se interessa pelo urbanismo, como elemento auxiliar fundamental da administração pública”. A exposição é considerada resultado da “demonstração do apreço em que o urbanismo já é tido no Brasil e da capacidade dos técnicos patrícios nessa especialidade”. (Correio da Manhã, de 13/08/1942)



Figura 7: Abertura da exposição; vendo-se, da esquerda para a direita, os irmãos Coimbra Bueno, Alfred Agache, o presidente Getúlio Vargas e o interventor Amaral Peixoto. Fonte: Azevedo, 2012.



Figura 8: Exposição de Urbanismo. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1942. Fonte: Azevedo, 2012.

De modo geral, durante sua permanência no Rio, além de seu envolvimento profissional com os projetos acima citados, Agache também é convidado a desenvolver estudos e projetos para cidades de outros estados brasileiros, como São Paulo, Recife, Porto Alegre e Curitiba, por exemplo; e continua dando palestras e entrevistas sobre temas gerais de urbanismo ou relacionados à cidade do Rio.

Na edição de 05 de junho de 1943, o jornal Dom Casmurro promove uma palestra com Agache, a fim de buscar alternativas à demolição de um prédio do século XVIII, a Igreja de São Pedro, visto o projeto da Avenida Getúlio Vargas (Figura 9). “Sobre o assunto, ninguém mais indicado para ser ouvido em primeiro lugar do que o mestre urbanista Alfred Agache, autor do Plano de Remodelação do Rio, que tem fornecido a tantas cidades do Brasil conselhos preciosos, muitos dos quais são hoje realizações concretas”. Agache, ainda que preocupado se suas palavras seriam mal interpretadas, diz:

(...) na minha qualidade de ‘pai espiritual’ do projeto, eu me permitirei fazer certas reservas sobre a maneira pela qual as minhas sugestões foram interpretadas. Com efeito, na sua realização prática, a futura Avenida Getúlio Vargas não me parece possuir a leveza e a variedade que reclamam um trabalho desse gênero. É fácil traçar uma via retilínea demolindo tudo o que perturba o seu traçado e é ótimo quando só se esbarra com velhos quarteirões mal ventilados, com pardieiros sem características ou mesmo com edifícios modernos sem beleza. Mas quando se trata de destruir um edifício histórico ou artístico de real valor, a picareta da demolição deve hesitar como que presa de um terror sagrado... É aí que compete ao urbanista intervir, visto que o papel do urbanista está principalmente na arte de embelezar e não de demolir... (Jornal Dom Casmurro, de 05/06/1943)

Agache é, então, indagado sobre qual seria a solução para manter a igreja de São Pedro. Sugere a supressão da parte sem características e a reconstituição “no próprio espírito do século XVIII”, obtendo assim “uma capela digna de figurar entre os edifícios mais interessantes da capital”. E complementa sua ideia com a proposta de uma praça ajardinada, de mesma dimensão, do lado oposto à igreja, resultando, no centro, “uma passagem de ótima largura que atravessará a Avenida Rio Branco em um ponto único e, assim, a perspectiva axial da Avenida Getúlio Vargas com a Candelária numa

11 Muitos desses documentos não foram localizados pelo grupo de pesquisa Levantamento Documental Urbanismo no Brasil- sub-projeto Niterói – LDUB/UFF.

das extremidades, e o monumento do Presidente na outra, será conservada". Agache prepara para a edição seguinte do jornal um croqui da Avenida, ilustrando suas sugestões (Figura 10). Infelizmente, sua proposta não foi utilizada e a Avenida Presidente Vargas foi aberta, com seu traçado retilíneo, em 1944. A igreja de São Pedro foi demolida.



Figura 9: A Igreja de São Pedro. Jornal Dom Casmurro, 5 de junho de 1943.
Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.



Figura 10: A Avenida Getúlio Vargas idealizada em Avenida Parque por Agache. Desenho feito exclusivamente para Dom Casmurro. Jornal Dom Casmurro, 5 de junho de 1943.
Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo, procurou-se, primeiro, apresentar informações que contribuíssem para a defesa da ideia levantada inicialmente de que diversos fatores convergiram para a decisão de Prado Junior contratar um urbanista europeu para o desenvolvimento de um plano de remodelação do Rio, no final da década de 1920; e, segundo, relatar, através de notícias publicadas na imprensa, um pouco da vida de Agache no Rio nos dois momentos em que aqui residiu, final da década de 1920 e início da década de 1940.

De modo geral, verificou-se que a influência francesa foi protagonista na formação da cultura técnica brasileira num complexo processo de aportes que ajudou a configurar intervenções em diferentes cidades, especialmente no Rio de Janeiro; a estruturar o pensamento do urbanismo no país e a moldar o perfil das instituições de ensino, como exemplo a estruturação do ensino na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e do ensino politécnico em São Paulo.

Através da análise de artigos de jornais e revistas confirmou-se algumas importantes informações sobre os detalhes do desenvolvimento do plano por Agache, que somados aos fatos históricos já conhecidos contribuíram para comprovar a ideia acima exposta. Da mesma, foram levantadas pistas e detalhes da permanência de Agache no Rio. Com isso, começou-se a montar um panorama geral de sua atuação profissional na cidade pra analisar suas contribuições técnicas a partir das repercussões de seus trabalhos e de suas manifestações na imprensa local.

Muitas referências encontradas na imprensa tratam do primeiro momento da presença de Agache no Rio, quando são relatados, principalmente, fatos relacionados ao desenvolvimento do plano de remodelação da cidade. Acredita-se que, no segundo momento de sua presença, quando associa-se ao escritório dos irmãos Coimbra Bueno, sua participação profissional é sombreada na imprensa pelas declarações dos Coimbra Bueno.

No entanto, pelo conteúdo das propostas e pelos desenhos dos planos desenvolvidos para as cidades do interior do estado do Rio, a participação de Agache é evidente, embora não seja claramente identificada, sendo também confirmada pela presença nas fotos e atos oficiais, conforme observa-se na Figura 7.

Sendo assim, constata-se que a posição de Agache nos dois momentos de sua presença no Rio é diferente: no primeiro, como contratado pelo município para realizar um plano para a cidade; no segundo, como "consultor" de uma empresa

brasileira. Contudo, sua participação nos trabalhos é intensa e suas contribuições profissionais são evidentes em ambos os momentos.

Como considerações finais, pode-se dizer que a atuação de profissionais estrangeiros aqui proporcionou a circulação de ideias entre Brasil e determinados países europeus, como a França, principalmente; permitindo a incorporação de modelos urbanos amplamente difundidos lá, como foi, num primeiro momento, o caso dos projetos de abertura de grandes avenidas e os planos de melhoramento e embelezamento das cidades. A contratação desses profissionais pelos governantes brasileiros, a exemplo da contratação de Agache pelo prefeito do Rio, confirmam o reconhecimento e o prestígio da cultura francesa nos meios burgueses e políticos locais. O retorno de Agache anos depois confirma a continuidade desse reconhecimento e prestígio, mesmo num momento em que o urbanismo já estava em processo de consolidação no país. Os projetos e debates nos quais se envolveu também contribuíram para fortalecer o arcabouço técnico das prefeituras e fomentar discussões a respeito do desenvolvimento urbano das cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

- AGACHE, Alfred Hubert. Cidade do Rio de Janeiro, extensão, remodelação, embelezamento. Paris: Foyer Bresilien, 1930.
- AZEVEDO, Marlice N. S. de. "O espaço fluminense e a intervenção urbana no Estado Novo" IN Rezende, Vera (org.). Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades brasileiras. Niterói: Editora da UFF, Intertexto, 2012.
- AZEVEDO, Marlice N. S. de; COSTA, Milena S. "O Urbanismo do início do século XX: a Escola Francesa de Urbanismo e suas repercussões no Brasil: trajetórias de Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima" in Anais I Seminário Trajetórias (Biografias?): profissionais urbanistas e urbanismo no Brasil, Brasília, abril 2013.
- AZEVEDO, Marlice N. S. de; COSTA, Milena S.; CAVALCANTE, André Luiz M.. "A promoção do turismo no Estado do Rio de Janeiro na década de 1940. O Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da cidade de Cabo Frio" in Anais do XIII Seminário da História da Cidade e do Urbanismo, Brasília, set. 2014.
- LEME, Maria Cristina da Silva (org.). Urbanismo no Brasil, 1895 – 1965. São Paulo: Studio Nobel, FAU/USP, FUPAM, 1999.
- FELDMAN, Sarah. "As Comissões de Planos da Cidade na Era Vargas" IN Rezende, Vera (org.). Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades brasileiras. Niterói: Editora da UFF, Intertexto, 2012.
- LONDON, Marcos Zanetti. A circulação de ideias urbanísticas no meio profissional e acadêmico e sua influência nas obras de Donat Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima. Rio de Janeiro: dissertação, UFRJ/FAU/Proarq, 2002.
- MOREIRA, "Fernando Diniz. Urbanismo, modernidade e projeto nacional: reflexões em torno do Plano Agache" in Anais 6º Docomomo Brasil. Niterói, nov. 2005.
- OLIVEIRA, Sônia M. Q. de (org.). Planos Urbanos do Rio de Janeiro: Plano Agache. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2009.
- PEREIRA, Margareth da Silva. "Paris-Rio: le passe américain et le goût du monument" IN Lortier, Andre (ed.). Paris s'exporte: architecture modele ou modeles d'architectures. Paris: Pavillon de l'Arsenal-Picard, 1995; p.140-148.
- PINHEIRO, Eloísa Petti. Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). Salvador: EDUFBA, 2002.
- PINHEIRO, Eloísa Petti. "Circulação de ideia e academicismo: os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, entre 1920 e 1940" IN Gomes, Maaf. (org.). Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960 [online]. Salvador, 2009.
- REZENDE, Vera (org.). Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades brasileiras. Niterói: Editora da UFF, Intertexto, 2012.
- SOBRAL, Silvio. Coleção Prefeitos do Rio. Antonio Prado Junior. Vida e Obra. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- TUCOULET, Carole. La ville et l'écologie : le devenir de la pensée urbanistique française du début du Xxe siècle a partir de l'exemple de Curitiba (Brésil). Paris: tesis, Univerité de PAU et des Pays de l'Adour, 2000.

Outros:

Acervo da Nova Imprensa do Estado do Rio de Janeiro. Niterói-RJ.

Acervo Digital da Biblioteca Nacional - <http://bndigital.bn.br/acervodigital/>

Acervo Digital do Rotary Club - <http://www.rotaryrj.org.br/>